



O Campo Religioso Em Mutação: Possibilidades De Apropriação Dos Aplicativos Móveis¹

Rafael Galdino RIBEIRO²

João Saraiva da Silva NETO³

Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO⁴

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

O presente artigo aborda o entrelaçamento da mídia com o campo religioso, a partir do contexto dos aplicativos móveis. Nessa perspectiva, a comunicação e suas tecnologias são pensadas como possibilidades de ampliação dos limites simbólicos das práticas de religiosidades, considerando-se o processo de interação social gerado a partir da convergência de suportes para a difusão de mensagens dessa natureza. Trata-se de uma investigação em andamento que se mostra relevante e oportuna para o campo dos estudos da comunicação, uma vez que se volta para um fenômeno recente da midiatização religiosa, denominado de “religião móvel”.

PALAVRAS-CHAVE: Midiatização religiosa, aplicativos; “religião móvel”; novas tecnologias.

Introdução

No cenário social contemporâneo, marcado pela midiatização acelerada, observamos que o campo religioso tem vivenciado transformações significativas, sobretudo no que diz respeito aos mecanismos de disseminação de suas mensagens. Verificamos que em busca de visibilidade e maior penetração no espaço social as instituições religiosas passaram a ocupar as programações de rádio e TV, estendendo seu

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação. 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, e-mail: Rafgaldino@gmail.com

³ Estudante de Graduação. 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, e-mail: joasaraivaneto@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora em Educação do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. e-mail: rnadia@terra.com.br



grau de influência para além dos templos. Com o avanço da internet no processo de interação entre as pessoas, notamos que os aplicativos móveis trazem novas perspectivas que favorecem ainda mais a aproximação entre diversas formas de religiosidade e seus adeptos.

As relações sociais cada vez mais fluidas têm influenciado as instituições religiosas a buscarem novas estratégias de contato com seu público-fiel ou modos atrativos para divulgar informações, que podem gerar novas práticas para captar simpatizantes dos conteúdos. Essa mudança nos modos de divulgar as religiões tem aproximado as doutrinas religiosas de diferentes suportes comunicacionais.

Por outro lado, mudanças também são verificadas na conduta religiosa dos fiéis, que hoje estão cada vez mais conectados ao “mundo virtual” por meio de seus smartphones e tablets, conforme determina a era da portabilidade de dispositivos. Desse modo, as formas tradicionais de manifestação religiosa são impactadas pelos avanços tecnológicos, gerando um fenômeno que recentemente começou a ser investigado: a religião móvel.

Com a finalidade de discutir esse novo cenário, este artigo apresenta algumas considerações teóricas sobre a temática, ilustrando a discussão por meio do aplicativo *Dei Verbum Lite*, pertencente ao catolicismo.

O deslocamento da tradição religiosa na sociedade midiaticizada

O conceito de midiaticização traz no seu bojo a intensificação das convergências tecnológicas que perpassam os meios comunicacionais (informática, telecomunicações e audiovisualidades), afetando a sociedade, suas práticas e suas interações, que passam a se organizar e a funcionar tendo como referência a existência da cultura, de lógicas e operações midiáticas (FAUSTO NETO, 2008). Esse acelerado processo interfere na produção de sentidos, a partir das mensagens difundidas, dos mecanismos utilizados, que passam a convergir com as estratégias midiáticas. No novo cenário de convergência, as mídias e seus dispositivos não são apenas entendidos enquanto meros mecanismos de transmissão de conteúdos, mas poderosos ambientes, capazes de criar diferentes registros sociais e simbólicos.



De acordo com o autor, hoje, a própria noção de religião muda substancialmente na medida em que sua ambiência deixa de ser estruturada pela simbólica do campo religioso, passando a ser permeada agora pelo simbolismo da cultura das mídias. Este novo lócus - o da mídia e seus dispositivos - proporciona processos de ajuntamentos de fiéis, de todos os credos, incluindo indivíduos sem religião, em torno de uma espécie de comunidade na qual se vive de modo intenso e peculiar, compartilhando um modo de pensar a religião inspirado nos "gêneros", estilos e linguagens das mídias. Em tempos de evolução tecnológica, essa dinâmica permite a migração das esferas do sagrado para o ambiente virtual. Com isso, abordagens alusivas às religiosidades que antes pertenciam apenas aos templos e/ou postulados teológicos, hoje estão presentes em diferentes plataformas.

Por isso, Thompson (2008) salienta que a tradição religiosa passou a ser vista sob uma nova perspectiva, pois o desenvolvimento da mídia transformou fundamentalmente os modos de se fazer religião. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a formação de valores e a transmissão de ensinamentos não ocorrem somente face a face e ultrapassaram os espaços sagrados. O modo como as igrejas realizam seus ritos tradicionais não foi deixado de lado, mesmo com a presença das igrejas no ambiente virtual. O que mudou foram os rituais, que hoje assumem novos formatos e alcançam públicos maiores. “A tradição, com efeito, se tornou cada vez mais desritualizada” (THOMPSON, 2008. p. 172).

Como exemplo, os cultos da Santa Ceia⁵ da Igreja evangélica Sara Nossa Terra, ocorrem por meio da transmissão em rede, com exibição da pregação do fundador da Igreja, na cidade de Brasília, para todas as igrejas da denominação, dentro e fora do país.

Seguindo o mesmo raciocínio exposto por Thompson (2008), Canclini (2010) destaca que, embora haja uma diminuição das tradições populares, elas não são excluídas do processo de modernização. “A modernização diminui o papel da cultura e das tradições populares em todo o seu conjunto de mercado simbólico, mas não os elimina ” (CANCLINI, 2010, p. 39).

⁵ O culto da Santa Ceia trata-se de um rito mensal nas igrejas evangélicas que recorda a lembrança viva de sua morte e sacrifício na cruz.



Nesse sentido, as tecnologias midiáticas dão novos contornos às religiosidades e ráeconfiguram as tradições religiosas. O “sagrado midiático” que Vilhena (2005) menciona coexiste e até intensifica a fé religiosa: “A religião não desapareceu, o sagrado não morreu, e uma intensa e diversificada prática ritual, pública ou privada, continua pontuando e caracterizando a contemporaneidade ” (VILHENA, 2005, p. 49).

Desse modo, diversas religiosidades estão passando por um processo de adaptação aos novos tempos, apropriando-se do espaço midiático. Por mais tradicional que possa parecer a denominação religiosa, deve haver no plano virtual uma estratégia adequada para difundir as suas práticas.

O entrelaçamento do ambiente virtual com o ambiente religioso tem possibilitado ainda aos indivíduos o conhecimento de outras religiosidades que não fazem parte do seu conjunto de crenças, sem a necessidade de deslocamento para os templos. Com isso, cresce a oferta de conteúdos, permitindo que determinados tabus que cercam algumas doutrinas sejam desmistificados com o trânsito de informações. Esse contexto de disseminação alcançou não apenas o catolicismo, mas também os segmentos evangélicos, neopentecostais e espíritas, que se utilizam dos ambientes virtuais para desenvolver novas relações com o público interessado.

Em virtude da interação tecnológica, as igrejas se apropriam das redes sociais, comunidades, grupos online e (mais recentemente) dos aplicativos móveis, para divulgar suas doutrinas. Vale salientar que, em outras épocas, essa ideia parecia distante das táticas de difusão doutrinária. Assim, a inserção religiosa no espaço virtual leva os adeptos pertencentes a determinadas crenças a incluir a sua igreja como parte de sua rede social. Porém, vale salientar que existem diferentes níveis de participação dos adeptos, dependendo do seu envolvimento com as novas tecnologias.

Segundo Thompsom (2008), os meios de comunicação no espaço virtual têm possibilitado novas formas de ação e interação social. Atualmente, a reorganização religiosa tem requisitado diferentes métodos, gerando a desconstrução de determinados costumes como, por exemplo, a não obrigatoriedade de um ambiente físico para que as manifestações de fé ocorram.

As religiões de forma geral ao longo da história têm se mostrado ativas em mecanismos de adaptação ao novo. A comunicação, em todos os casos, significa, para os



sistemas de crença religiosa, elaborar um código capaz de transformar a diferenciação externa em diferenciação interna (PACE, 2009).

Podemos comparar as adaptações nos meios sociais quanto a duração e horários em que os cultos religiosos ocorrem no Brasil e nos Estados Unidos. Em décadas passadas, a duração era longa. Atualmente, os cultos são mais rápidos, seguindo padrões de adaptação às necessidades dos seres humanos em suas vidas seculares. Nos meios de comunicação, em especial a televisão, as religiões também tiveram que produzir adaptações para se adequar a tais meios, incorporando linguagem, técnica e instrumentalização para fazer funcionar o chamado fenômeno do tele evangelismo.

A mutação da relação entre mídia e religião começou a se intensificar na TV, que tem funcionado como eficiente fonte de propagação de vozes e ações doutrinárias, indo além dos rituais estabelecidos entre as quatro paredes dos templos. Se a interação tecnológica permitiu a democratização dos conteúdos; no campo religioso, tem ocorrido fenômeno semelhante, permitindo também a pluralização dos conteúdos e a possibilidade de diferentes contatos com rituais de fé.

A informática coloca à disposição das organizações religiosas um conjunto de mecanismos de alcance transnacionais até então pouco usuais. Elas sempre tiveram a preocupação de se organizar em escala ampliada (livros, catecismos, programas de rádio, jornais), porém, a tecnologia de que dispunham anteriormente conhecia várias restrições. Hoje, a transmissão a cabo e por satélite permite que programas religiosos circulem nos lugares mais diversos e mais distantes (ORTIZ, 2001).

A velocidade de propagação não vem se equiparando a nenhum outro meio de comunicação nas últimas décadas, afirma Cardoso (2007), motivada pelas razões de caráter tecnológico (popularização do computador e aparelhos informáticos e comunicacionais, facilitação e incentivos da internet) e de caráter histórico (a necessidade de uma sociedade com bases na evolução tecnológica). Para Ortiz (2001) os meios de comunicação impulsionaram a propagação da educação teológica e o planejamento de ações públicas (encontros, congressos religiosos, etc.) com mais eficiência, em comparação ao passado. Para Vizer (2008), a tecnologia da informação fez surgir novos dispositivos de expressão autorreferencial (blogs, diários íntimos, imagens privadas



baixadas na internet, etc.), gerando um mundo de ciberinformação e cibercomunicação. Hoje, a conexão em rede produz funções e interfaces diversas.

Nesse novo ambiente tecnológico-religioso, cabe ressaltar a diferença entre participação e interação. Para Jenkins (2008), a interatividade trata-se do “modo como as novas tecnologias foram planejadas para responder ao *feedback* do consumidor”. Já a participação, “é moldada pelos protocolos culturais e sociais” (JENKINS, 2008, p.183). Por isso, existem níveis de interatividades que variam de acordo com o tipo de tecnologia comunicacional.

Religião e Aplicativos Móveis: a fé em mobilidade

Com a popularização dos smartphones⁶, o indivíduo pode ampliar as suas possibilidades de interação social. Como consequência, surgiu uma enorme variedade de aplicativos móveis que instigam novas práticas de sociabilidade. Seguindo essa mudança tecnológica, as instituições religiosas passaram a acompanhar esse processo, como forma de propagar suas ideologias e convicções.

Nesse ambiente virtual, a interação tem contribuído para moldar novas formas de fazer religião, que estabelecem diálogos por diferentes formatos de rituais. De acordo com Souza (2013), a fé, midiaticizada, tem causado uma revolução no modo de compreender a religião, uma vez que os símbolos tradicionais estão ganhando diferentes significados. Nesse novo ambiente de “portabilidade” de fé, acender velas para santos, rezar o terço, ler a bíblia, realizar campanhas de oração são hoje possíveis por meio dos aplicativos móveis.

Os aplicativos ou *apps* (abreviação do termo *Applications*) atuam como interfaces de suporte para a circulação de assuntos que operam sobre a plataforma móvel, e a inserção de conteúdos religiosos leva à necessidade de redesenho para a sua produção, uma vez os dispositivos móveis se diferem dos tradicionais *desktops* (computadores de mesa) a partir de suas tecnologias, dimensões, graus de mobilidade e contextos de uso.

⁶ O termo “Smartphone”, designa do inglês, significando *Smart* - Inteligente e *Phone* - Celular, ou seja, celular inteligente. Um smartphone, trata-se então em linha simplista, de uma celular com funcionalidades avançadas, em que através de um sistema operacional, executa programas, chamados de aplicativos (*apps* - abreviação de *Applications*).



Como solução, temos design responsivo, que permite o ajuste e a manipulação direta, onde os elementos dispostos na tela são manuseados através de ações tácteis.

O entrelaçamento do universo dos aplicativos com o meio religioso tem propiciado a criação de uma experiência espiritual inédita. Essa nova ambiência, ligada ao cotidiano do indivíduo, permite a utilização de um novo termo, denominada de fé móvel, ou religião móvel, devido a um caráter de mobilidade que pode sugerir pertencimento religioso diverso. Nesse modelo, o usuário não só estabelece contato com os conteúdos dentro dos aplicativos, mas interage com as mensagens difundidas a partir deles.

Essa fé ou religião móvel seria o fruto da interação do sujeito religioso, através dos aplicativos móveis disponíveis nas lojas de apps on-line, com as inúmeras entidades religiosas, sem que haja a real necessidade de vínculos de pertencimento às doutrinas, visto que esse contato não obriga o fiel ou simpatizante a possuir vínculos formais com determinada religião ou a praticar as suas doutrinas.

O usuário, experimentando a legitimidade desses espaços religiosos online, espera poder encontrar nesses ambientes a possibilidade espiritual do transcendente, sob uma nova perspectiva, por meio da tela dos smartphones e tablets. “Nesse sentido, o que o indivíduo lê, vê, ouve etc. não é apenas uma “informação” estrito senso, mas algo mais complexo, envolto em uma processualidade mais ampla (...)” (SBARDELOTTO, 2010). Ou seja, é uma experiência religiosa mais profunda, independente de quando e onde estiver, que o remeterá a sua divindade. Trata-se de um processo subjetivo e individual de busca pelo sagrado, para além dos templos ou das pregações teológicas.

Gomes (2010) sugere que o intercruzamento entre a mídia e a religião estaria produzindo uma nova comunidade de pertencimento, já que as entidades religiosas são obrigadas a operar de acordo com as normas e protocolos de cada mídia. “O problema não é o que a religião faz com a mídia, mas que tipo de religião está emergindo da mídia”, já que “existem leis e processos que distinguem, substancialmente, o espaço religioso do espaço midiático”.

Quanto à interação dos usuários com os aplicativos religiosos, Sbardelotto (2012) afirma:



Agora, o fiel tem acesso ao interior do sistema, interfere nele e deixa ali a sua marca – que ficará acessível aos demais fiéis. O sistema abre-se a esse fiel, permite (ou convida, ordena) a interação – dentro de suas regularidades. Embora o fiel não tenha acesso ao software que comanda o sistema, sua interferência (suas orações, seus testemunhos, sua “teologia”, até mesmo desviante do catolicismo doutrinário, em alguns casos) provoca alterações que poderão afetar a experiência religiosa de outros fiéis. O sistema se expõe a essa interferência. Nesses casos, é o fiel também que diz e narra o religioso (SBARDELOTTO, 2012).

Tal experiência tem permitido uma quebra de fronteiras entre participação, criação, visualização e reprodução de conteúdos. Assim como ocorre no meio virtual, os seguidores de um discurso doutrinário ou de uma fé, podem ser produtores de conteúdos religiosos nesses aplicativos, uma vez que as plataformas para criação de Apps são abertas.

Alguns dos exemplos disponíveis nas lojas de aplicativos online, para usuários de plataformas móveis (Android, IOS, Windows Phone), são os aplicativos “*DeiVerbum Lite*⁷” e “*Pai Eterno*⁸” de doutrinas católica, que permite ao usuário rezar terço na tela, acender velas da fé, assistir novenas, ouvir cds de oração, etc. Sem a necessidade de usar fazer uso de algum objeto diferente do Smartphone.

⁷Bíblia Católica Off-Line em Português (BR), baseada na tradução Ave Maria. O aplicativo dispõe de listagem dos livros bíblicos, meditação do Terço. Neste App, é possível compartilhar nas redes sociais, adicionar orações pessoais, além de passagens favorita.

⁸ Aplicativo originado do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, oferece a possibilidade de ouvir a rádio Pai eterno, os CDs Orantes, acompanhar novenas, acender Vela da Fé, acessar outras velas acesas, enviar intenção de oração e assistir transmissões da Missa, da Basílica.



Figura 1 - Interface do Aplicativo “DeiVerbum Lite” na tela de contemplação do terço virtual.



Figura 2 - Interface do Aplicativo “Pai Eterno” na tela das velas acesas para alguma intenção



Graças ao terço virtual, disponível no aplicativo (Figura 1), o fiel pode fazer a sua oração da mesma maneira como se estivesse usando o símbolo religioso. E na possibilidade do acendimento da vela virtual (Figura 2), o fiel pode acender uma vela para si ou por alguma outra intenção em particular, podendo escolher a exibição de sua intenção ou não, preenchendo um pequeno formulário, com nome, e-mail (opcional), cidade e estado e descrevendo sua intenção da vela. Esses recursos promovem uma reconfiguração da prática tradicional, uma vez que permite ao adepto seguir com o seu rito religioso, porém de um jeito novo, virtualizado, sem o deslocamento a um local sagrado ou de reflexão religiosa. Sbardelotto (2010) lembra que para vivenciar essa experiência religiosa virtual, é necessário que o indivíduo tenha novas percepções de leitura e tenha reconhecimento dessa nova realidade, “pois ela se apresenta em um novo ambiente, deslocado de seu espaço tradicional, a igreja, o templo – e com novas regras” (SBARDELOTTO, 2010, p. 8).

Desse modo, o sagrado passa a ser codificado, ressignificado e rerepresentado, através de uma processualidade tecnológica. E o usuário, por sua vez, passa a interagir com a sua religião ou demais religiões de seu interesse, segundo as características do ambiente virtual. Esse fato reflete o pensamento de Felinto (2007), quando afirma que “as formas de vida e comunicação são continuamente modeladas pela lógica e pela materialidade das novas mídias” (FELINTO, 2007, p. 10).

Considerações Finais

Os aplicativos religiosos em sua maioria são desenvolvidos pelos membros das próprias instituições. Contudo, a produção de conteúdo nessa plataforma mostra que hoje além da individualização e personalização das mensagens, tais meios podem ser alimentados pelos usuários. Esse processo permite maior participação dos adeptos, que acabam por meio dessa prática se aproximando dos dogmas religiosos, ainda que para isso usem novos caminhos, diferentes dos tradicionais. Nesse novo suporte, os dogmas religiosos podem ser vivenciados para além de suas estruturas hierárquicas, ao contrário de algumas décadas, em que certas manifestações religiosas ocorriam apenas presencialmente. Esse cenário aponta uma reconfiguração das práticas de religiosidade, sob a influência dos dispositivos comunicacionais, e exige novas pesquisas sobre essas práticas e sobre seus efeitos junto aos usuários.



Será que esses usuários se inserem num ambiente espiritualizado como os tradicionais, ainda que estejam “do outro lado da tela”? Assim, abrem-se perspectivas de investigação que busquem compreender as diferentes modalidades religiosas *online* e *offline* encontradas nesses aplicativos. Outras questões que parecem oportunas: as ritualidades já estão inscritas no repertório cultural religioso do próprio usuário? Como são os conteúdos dos aplicativos? Qual o perfil desses usuários?

Os aplicativos estão há alguns anos no mercado e o meio religioso tem se aproximado aos poucos dos dispositivos móveis. Observamos que grande parte do conteúdo existente reproduz informações geradas para outros meios, como cultos gravados, músicas do segmento gospel, pregações, orações, leituras de reflexão, que são transpostas para a mobilidade. Ou seja, ainda não existe produção voltada exclusivamente para os aplicativos de cunho religioso, o que também oferece possibilidades de mercado para esses bens simbólicos, mostrando a necessidade de profissionais que atendam as demandas desse novo nicho do campo da comunicação em tempos de midiatização acelerada.

Trata-se de um campo fértil para novas investigações, uma vez que oferece aos pesquisadores diferentes caminhos para pensar a religião e as suas práticas, no contexto das tecnologias de informação e comunicação. Esses estudos poderão apontar que a “religião móvel” pode se tornar, na verdade, uma retroalimentação eficiente da própria religião.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad.** Buenos Aires: Paidós, 2010.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

FAUSTO NETO, Antonio. **Midiatização e processos sociais na América Latina.** São Paulo: Paulus, 2008.

FELINTO, Erick. **“Sem mapas para esses territórios”:** a cibercultura como campo de conhecimento. 30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.

GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos.** São Paulo: Ed.USP, 2007.



GOMES, Pedro Gilberto. **Processo de mediatização:** da sociedade à Igreja. Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=det_alhe&id=10141> Acesso em 13 jan. 2010. Entrevista concedida ao site do IHU.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Editora Aleph, 2008.

ORTIZ, Renato. **Anotações sobre religião e globalização.** Ver. Bras. Ci Soc., São Paulo, v. 16, n. 47, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300004>. Acesso em 10 Mai 2015.

PACE, Enzo. **Narrar a Deus:** a religião como meio de comunicação. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 24. N° 70, Jun, 2009.

SBARDELOTTO, Moisés. **Dos bits à rede:** entre a experiência religiosa e a representação social do “católico” na internet. Disponível em: <<http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/11-dosbitsarede>> Acesso em 25 de Maio 2015.

_____. **Interações em Rituais Online:** A Mediatização do Fenômeno Religioso na Internet. XI Congresso de Ciências da Comunicação, Sul, 2010.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos:** Expressões e Propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADE EST, 2., 2014, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014. | p.372-386

VIZER, Eduardo Andrés. **Mundos De La Vida Mediatizada.** Revista Intelecto. Ano 2. N° 5. Jan-Mar 2009. Disponível em: http://www.intelectoc.com.br/files/artigos/Mundos_de_la_vida_mediatizados.pdf. Acesso em 25 de Abril 2015.